

## Turismo no Tua



O projecto do Daniel Conde consiste em implementar uma série de comboios turísticos na linha do Tua de forma a dinamizar e revitalizar esta linha e a afirmar o vale do Tua como verdadeiro destino com um enorme potencial turístico, em risco de encerrar definitivamente.

O Daniel tem uma paixão pela região do Tua desde pequeno, tendo publicado artigos acerca desta linha.

Esperamos que a circulação de comboios continue para que este projecto possa andar sobre carris.

# Nós, Finalistas

**AP: Como é que soube do “Realiza o Teu Sonho” e por que resolveu participar?**

DC: Ainda estava a trabalhar no meu 1º emprego (consultor na PricewaterhouseCoopers, no escritório de Lisboa), quando uma colega do escritório do Porto me enviou um email onde se apresentava este concurso. Todos os meus colegas mais próximos sabiam do meu interesse e da minha luta pela Linha do Tua enquanto membro do MCLT – Movimento Cívico pela Linha do Tua, e dias antes tinha explicado precisamente a esta colega a melhor forma de ir do Porto a São João da Pesqueira e ao miradouro de São Salvador do Mundo: a Linha do Douro; aproveitei e dei a dica para uma visita também à Linha do Tua.

Resolvi participar porque já começara a formar a ideia de vir a investir na Linha do Tua ainda eu tinha 13 anos... Com o marasmo em que a Linha estava, e com a minha vontade já bem cimentada (escolhi a licenciatura em Gestão e o mestrado em Turismo precisamente para um dia vir a investir não só mas sobretudo na Linha do Tua), achei que o concurso seria o “clique” final para avançar com um projecto de investimento.

**AP: Que sonho o trouxe até o concurso “Realiza o Teu Sonho” da Associação Acredita Portugal?**

DC: O projecto Turismo Ferroviário na Linha do Tua pretende ser um passo ambicioso para firmar o vale do Tua como um verdadeiro Destino Turístico. Como tal, pretende congrega todos os recursos e produtos turísticos existentes à volta de um recurso a transformar em produto: a Linha do Tua. Com o comboio a servir como meio de transporte privilegiado e

ao mesmo tempo ele próprio como produto turístico, será possível usufruir de experiências únicas no vale do Tua e a partir deste para a Terra Quente Trasmontana, e futuramente já a pensar numa expansão para a Terra Fria Trasmontana e mesmo numa ligação ao aeroporto de Bragança e à Alta Velocidade na Puebla de Sanábria, Comunidade de Castela e Leão.

As potencialidades do vale do Tua e da Linha do Tua são por demais evidentes, e cobrem uma miríade de tipologias de turismo, desde o turismo de saúde nas duas termas existentes ao longo da linha, ao turismo de aventura e desporto com actividades no rio Tua, considerado por especialistas um dos melhores rios nacionais para a prática de desportos de águas bravas, e claro ao turismo em espaço rural, turismo de gastronomia e vinhos, etc.



# Nós, Finalistas

## **AP: Como nasceu esse sonho e porque é que é importante para si?**

DC: O meu primeiro contacto com a Linha do Tua deu-se em Agosto de 1993, na estação de Bragança, já o troço Mirandela – Bragança havia sido encerrado meses atrás. Com a minha ida para o Colégio Salesiano de Poiares da Régua, as minhas deslocações para casa em fins-de-semana prolongados e férias fizeram-se sempre de comboio, desde a estação da Régua à do Tua na Linha do Douro, e desta, onde começa a Linha do Tua, à estação de Mirandela. Li há tempos numa crónica de viagem que o comboio, a par do navio, é o único transporte onde podemos sonhar. De facto, basta uma viagem nestes percursos para perceber porquê. Desde os 11 anos que escrevo sobre a Linha do Tua; aos 13, comecei a fotografá-la, e tive o meu primeiro artigo sobre esta via publicado na imprensa, o que se repetiu dois anos depois. A minha veia crítica face ao marasmo a que a Linha do Tua tinha sido votada fez com que em Outubro de 2006 fundasse, em conjunto com outros cidadãos, o MCLT. Sendo ainda “bairrista” assumido e trasmontano com muito orgulho, repudio totalmente o sistema centralizado de gestão da Linha do Tua, que faz com que gente que não conhece e despreza esta região, delapidem esta via extraordinária ao mesmo tempo que hipotecam o futuro da região.

Daí a chegar ao sonho de um dia eu próprio gerir a Linha do Tua, ou no mínimo a sua exploração ferroviária, foi um pequeno/longo passo, de anos de luta e muita paciência...

## **AP: Em que consiste o seu sonho/projecto?**

DC: O meu projecto consiste em implementar

uma série de comboios turísticos na Linha do Tua, em toda a extensão possível (Tua – Mirandela – Tua), com paragens previstas em algumas estações do percurso, para actividades e mostras culturais da região. Serão servidas refeições a bordo, e será criado um pacote de bilhetes diferenciados, para ida, ida e volta, crianças, família, e inclusivamente bilhetes especiais para quem queira realizar a viagem a bordo da cabine da locomotiva a operar.

Este projecto pretende utilizar até ao limite apenas a “prata da casa”: será um projecto de trasmontanos, com trasmontanos, para todo o mundo. Para tal, serão criadas parcerias com vários players do Turismo regional, criando assim pacotes de ofertas cujo produto central seja o comboio turístico, constituindo assim a ambição da criação de um verdadeiro Destino Turístico para o Vale do Tua.



O projecto suportará ainda, de forma directa ou indirecta (ainda não está concretamente definida esta vertente), a realização de actividades de desportos de águas bravas, como a pesca, a canoagem e o rafting, naquele que foi oficialmente considerado por quem melhor percebe deste tema um dos melhores rios portugueses para a prática destes desportos: o rio Tua.

# Nós, Finalistas

**AP: Quais têm sido as maiores dificuldades ao tentar realizar o seu sonho?**

DC: Tempo. Tempo é sempre o inimigo de qualquer empreendedor, por várias vertentes. Uma vez que já trabalho, sobra às vezes pouco tempo e forças ao fim do dia para o projecto. Uma vez que sou impaciente e meio “ideota”, o tempo é sempre curto para tudo o que quero fazer.

Ainda não cheguei a esta fase, mas, assim que começar a bater à porta de todos os potenciais interessados neste projecto, espero que as reacções não sejam de apatia e entrave, como tenho experimentado por vezes em assuntos relacionados com o caminho-de-ferro, sobretudo com as Vias Estreitas de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Mas, para isso, um plano de investimento detalhado e com um VAL positivo, mais a minha experiência e determinação para convencer estes parceiros, serão decisivos para uma reacção favorável.

**AP: Acreditando que passou por momentos de desânimo perante as dificuldades, qual é o seu segredo para ultrapassá-las e não desistir?**

DC: No que diz respeito à luta pela Linha do Tua, não faltaram momentos de desânimo e mesmo algum desespero. As novidades no mundo ferroviário, sobretudo no Interior, são lentas, exasperantemente lentas, e o clima de apatia instalado na região, sobretudo por parte do poder político, não tem ajudado propriamente muito. Para além disso, como infelizmente está comprovado que não vivemos num país de gente séria ou honesta, o processo de tentativa de construção de uma barragem no Tua, que se for construída submergirá 16Km da Linha do Tua, no troço turisticamente mais reconhecido, está a ser demasiado longo e demasiado estúpido para parecer verdade, num país dito civilizado e democrático.

O que tem sempre motivado para seguir caminho é o conforto de estar do lado certo da barricada, com todos os argumentos em cima da mesa, que apontam irrefutavelmente que na Linha do Tua reside o futuro da região, e não numa putativa barragem ou em mais faixas de alcatrão. Lembre-se que o advento do IP4 e a morte da Linha do Tua só vieram acelerar o despovoamento e empobrecimento da região trasmontana.

**AP: Quando realizar o seu sonho, quais serão os passos seguintes? Os próximos sonhos, as próximas metas?**

DC: Este projecto já tem na calha a sua expansão, dependendo é claro da reabertura da Linha do Tua a Macedo de Cavaleiros e a Bragança, e o seu possível prolongamento até ao Lago da Sanábria.



# Nós, Finalistas

Assim, tendo a Linha do Tua um conjunto de valências no troço encerrado, destacam-se as mais notáveis: a proximidade com as praias da albufeira do Azibo, há 7 anos consecutivos detentora de bandeira azul, as quais podem ser alcançadas a partir da construção de uma linha nova em sistema Decauville (bitola 60 cm), cujos pormenores já estou a discutir com a empresa Transpraia, detentora do comboio do mesmo tipo nas praias da Costa de Caparica; a passagem por duas zonas protegidas, nomeadamente a Paisagem Protegida do Azibo, e o vasto e selvagem Parque Natural de Montesinho. Em caso de se construir um novo canal entre Bragança e o Lago da Sanábria, são três os recursos turísticos capitais: : a passagem pelo aeroporto de Bragança, que após modernização terá capacidade para receber aviões do porte de um 737, utilizados em voos low cost; a passagem pela estação da nova linha de Alta Velocidade na Puebla de Sanábria, a ligar Madrid a Vigo (Bragança poderá ficar a apenas 2 horas de Madrid, e de um mercado potencial de milhões de visitantes); o terminal em pleno Parque Natural do Lago da Sanábria, no coração do maior lago glacial da Península Ibérica.

Palavras para quê?

## AP: Qual é o seu sonho para Portugal?

DC: Ena, esta pergunta é muito sugestiva! O meu sonho para Portugal tem invariavelmente um nome: regionalização. Enquanto estiver à espera, como trasmontano, que alguém em Lisboa me diga se posso ou não fazer algo pela minha região, o meu futuro e o da região estarão sempre hipotecados.

Por isso sonho com uma Região Autónoma de

Trás-os-Montes e Alto Douro – não uma Região Norte como muitos advogam, pois seria passar a capital da “metrópole” de Lisboa para o Porto, e nada mais mudaria – onde sejam trasmontanos a governar Trás-os-Montes.



## AP: Que mensagem gostaria de deixar a todos os portugueses que têm um sonho?

DC: Para os portugueses que mantiveram a coragem, que desde a perda do Brasil e da Guerra Peninsular pareceu se foi esboroando no espírito empreendedor e temerário lusogalaico, a palavra é de ânimo, é de coragem, e sobretudo de serem independentes e coerentes, que batam o pé às adversidades conjunturais, sobretudo que batam o pé a governantes e demais discípulos da corrupção e do facilitismo, e que sigam iguais a si próprios para ajudar a sua comunidade e as gerações futuras a viver num mundo melhor, sem precisar de fugirem para outras terras, nem se transformarem em subsídio-dependentes e alegres balofos que investem no que não traz real desenvolvimento.

Numa palavra, que sejam os verdadeiros portugueses, que de um Condado cercado se tornaram os precursores da mundialização e da exploração vanguardista.